

O Burro de Buridan

O interesse dos artigos *Dispersos* de Oliveira Martins que o sr. Antonio Sergio coligiu e publicou é quasi exclusivamente psicologico ; por si pouco valem, mas auxiliam-nos poderosamente a compreender a mentalidade do seu autor.

Ha, contudo, no volume de *Dispersos* uma centena de paginas que merecem ser lidas : são as do prefacio que o sr. Antonio Sergio escreveu, bem superior ao farfalhudo ensaio de Moniz Barreto e aos periodos ôcos do sr. Fidelino de Figueiredo. Ainda que limitado quanto ao seu objecto, o estudo do sr. Antonio Sergio revela mais uma vez aquelas precisas qualidades de clara razão e firme bom senso que nós já nele conheciamos e que sempre se encontram com renovado prazer. Parece-me, porém, que no seu prefacio o sr. Antonio Sergio esqueceu um pouco a justiça e se deixou arrastar por uma paixão demasiado vulgar.

Era uma das ideias queridas de lord Macaulay que os biografos sofrem de uma doença profissional, exactamente como succede aos trabalhadores manuais ; dizia lord Macaulay que essa doença era a admiração excessiva pelo biografado. Compreende-se muito bem que um homem que viveu longos dias na convivencia espiritual de um grande genio, se deixe seduzir pelas suas eminentes qualidades e esqueça quasi involuntariamente os defeitos dele. Mas, nem Oliveira Martins era um genio, nem o sr. Antonio Sergio pode esquecer-se de que por livre vontade tomou em suas mãos a vara do juiz.

O sr. Antonio Sergio ainda ha pouco tempo criticou asperamente — e deve dizer-se que com justiça — a poesia do sr. Guerra Junqueiro ; espanta, por isso, vê-lo agora tão benevolo. O desvario verbal do sr. Guerra Junqueiro parece-me menos condenavel do que o desvario mental de Oliveira Martins. O sr. Junqueiro é poeta e a poesia quasi sempre teve algo de loucura.

Le jour où l'Hélicon m'entendra sermonner
Mon premier point sera qu'il faut déraisonner

Eu sei perfeitamente que pode e deve haver uma outra poesia em que a luz serena da razão ilumine o coração palpitante. Mas é sem dúvida mais penosa surpresa ver um historiador e um político perdido nos falsos caminhos aonde o levaram a ignorância, a leviandade e a falta de senso do que assistir aos devaneios do poeta divagando por sombrias veredas onde o ritmo traiçoeiro é o seu unico guia. Quem se propõe dirigir os homens e os povos tem deveres indeclináveis a cumprir. Toda a grandeza tem as suas exigencias e não é permitido ao general ser credulo e simples como o clarim.

O sr. Antonio Sergio notou os erros de Oliveira Martins e de boa fé os apontou. E' ele mesmo quem escreve :

«Sendo as censuras tão abundantes, não sai a claro afinal que deveria ter feito ou evitado, onde foi justo ou injusto, habil ou inhabil, util ou nocivo, cada homem a cada grupo».

E porquê? O proprio sr. Antonio Sergio responde :

«Fujamos ao imperio do grande artista, para vermos na sua obra (a *Historia de Portugal*) uma sintese sem analyse previa, um corpo sem esqueleto, um ensaio filosofico obscuro sobre uma historia que não está feita; e de aí a aceitação simultanea de maneiras de ver consagradas e de outras preferidas por Oliveira Martins, porque este não se dando ao incomodo de analisar a fundo, se não liberta das primeiras e não avança as outras com resolução».

Tudo isto quer dizer que Oliveira Martins tratava as questões sem as ter estudado.

Mas, continua o sr. Antonio Sergio, sempre sincero :

«Percebe-se um historiador que não aprova nem condena; não se percebe, porém, aquele que julga sem formar processo, o que condena nebulosamente, sem distinguir e analisar --sobretudo quando nos preveniu, nas primeiras

paginas do seu livro,* de que o seu objecto essencial é fornecer-nos lições politicas: *A historia* — diz elle — *é sobretudo uma lição moral... Na sabedoria ou na loucura dos actos politicos e administrativos passados, ha um meio de prevenir e encaminhar a direcção dos actos futuros. A historia é, neste sentido, a grande mestra da vida* (Hist. de Port., Advertencia, p. XI). Coleccionados os seus juizos, dir-se-ia, pelo contrario, a obra de um artista profundamente sceptico, convencido de que da historia de Portugal se não pode tirar conclusão prestavel, de que todas as maneiras de proceder teriam os mesmos inconvenientes, de que de tudo resulta, em ultima analise, a mesma proporção dos mesmos males... ¿E como não havia de ser assim, se a imediata contradicção se não encontrava unicamente entre a teoria e a execução da obra, mas na propria filosofia do historiador? Na mesma pagina em que nos previne que vai dar-nos um livro de lições politicas, afirma que *«na esfera dos movimentos de instituições e ideas, na categoria da vida social, as acções dos homens são sempre absolutamente excellentes»*. Sendo pessimos em geral os homens, a acção politica é sempre optima. Mas, se as acções politicas, como politicas, são sempre excellentes por natureza — ¿não deve o historiador aplaudir sempre, e achar que a verdadeira lição da historia é não buscar nela lição alguma?»

As contradicções alastram pela obra toda que é um tecido de afirmações incompativeis entre si; mas, ha uma que é particularmente frlsante e ao sr. Antonio Sergio escapou. «*A Historia de Portugal* — escreve Oliveira Martins — consiste numa serie de quadros, em que, na maxima parte das vezes, os caracteres dos homens, os seus actos, os motivos immediatos que os determinam e as condições e modo porque se realizam, merecem antes a nossa reprobacção do que o nosso aplauso. Crimes brutais, paixões vis, abjecções e misérias, compõem, por via de regra, a existencia humana...» Ora o mesmo Oliveira Martins afirmou que os costumes, «no fundo, se prevertem sempre com o desenrolar picante de um sudario de vergonhas». Assim o historiador se confessava implicitamente corruptor da moral publica! Tanta candura desama. Eu disse que ao sr. Antonio Sergio escapara esta outra contradicção; talvez não escapasse, mas lhe parecesse pouco delicado abusar da ingenuidade de um simples.

O sr. Antonio Sergio notou portanto as confusões, am-

biguidades e incoerencias de Oliveira Martins,... e depois, caridosamente, cobriu tudo com o largo manto das antinomias. Se o sr. Antonio Sergio, para desculpar o indesculpavel, recorre ao arsenal bem provido da Filosofia, ao mesmo arsenal me dirigirei para evocar em meu auxilio a veneravel sombra do Burro de Buridan. Porque a posição de Oliveira Martins, historiador e politico, perante a vida é a classica posição d'aquella personagem, illustre nos annos da metafisica.

O burro de Buridan é a figura tipica de uma das mais numerosas familias espirituais conhecidas. Não faltam nela homens de talento e o proprio burro morreu vitima da sua excessiva intelligencia critica. O burro de Buridan sabia a estima que a uma alma bem formada inspiram os principios e preferiu a morte a pô-los de parte. Era filosofo e se hesitou perpetuamente entre o balde de agua e o sacco de aveia foi porque a sua analyse perscrutadora não conseguiu apurar se um burro igualmente sequiloso e faminto devia principiar por matar a fome ou mais lhe convinha previamente apagar a sede. Na duvida, absteve-se — como recomendam os moralistas. Pobre burro, tão consciencioso e simpatico! não se conhecia ainda no tempo em que viveste esse metodo precioso que permite tão facilmente conciliar os contrarios. Porque não pediste tu que te dessem a aveia molhada? Terias salvado a tua vida e iniciado quatro seculos mais cedo um dos mais brilhantes capitulos da filosofia moderna.

Mas, enfim, as coisas são o que são. O burro morreu porque não se atreveu a escolher: atraz dêle quantos homens se negam, em nome da Sciencia, a preferir qualquer das soluções que um problema comporta! Ora eu creio que o fim de toda a sciencia humana consiste precisamente em estabelecer uma escala de valores, em formular um criterio de subordinação que nos permita agir consciencientemente e guie a nossa vontade. A um puro espirito pode bastar a contemplação desinteressada da verdade eterna; mas, para nós que somos homens, toda a sciencia é esteril se não contem em si um principio de acção. Saber para prever e prever para agir — eis o que nos importa.

A duvida eterna é esteril; a aceitação de duas proposi-

ções contradictórias é absurda. Pouco entendo de filosofia, mas creio que o sr. Antonio Sergio se engana quando vê uma tendencia geral hegeliana no pensamento de Oliveira Martins.

Hegel formulando as Antinomias, conciliava depois os seus dois termos contraditórios numa síntese que restabelecia a unidade. Pascal, por sua vez, cujo exemplo o sr. Antonio Sergio também sugere, via nas contradições da natureza humana uma prova da verdade cristã. Para as simultaneas grandeza e miséria do homem encontrara êle uma explicação — a doutrina de Cristo e da Sua Igreja. Oliveira Martins porém contradizia-se constantemente porque, embora possuísse vastos conhecimentos, lhe faltava contudo cultura, porque armazenava no cerebro uma multidão de ideias incoerentes sem que o preocupasse estabelecer ne'le a ordem indispensavel, eliminando umas e reforçando outras. Parece-me que Oliveira Martins exemplifica melhor que ninguem os vícios mentais que se podem atribuir aos auto-didactas. Entre as Antinomias de Hegel, a contradição humana de Pascal e o desvario mental de Oliveira Martins ha a distancia que separa um sistema filosofico e' a incoerencia, que — segundo uma frase que o sr. Antonio Sergio justamente aprecia — é a característica do espirito burguês.

Sem medo ás palavras, mesmo quando elas parecem rudes, se a ideia exige que as empreguemos, direi de Oliveira Martins que era *um trapalhão*. O que lhe deu o logar eminente, que na historia literaria lhe pertence, foi a sua incontestavel habilidade de rétor, rétor de primeira ordem, incorrecto por vezes, desigual a cada passo, mas com incomparaveis poderes de redução quando evocava o passado e animava as coisas mortas. A sua prosa não pode servir de modelo, a sua arte será, porém, longamente admirada.

Nada disto impede que, como historiador e mestre em filosofia politica, a sua lição seja das mais prejudiciais. Não tentemos resuscitar os que justamente morreram. Sobrevive de Oliveira Martins o que deve sobreviver; o resto, pelo menos na sua maior parte, se voltasse á luz seria para continuar os maleficios passados. A sua *leviandade*,

a sua falta de senso critico, a sua incapacidade de pensador nada as disfarçará. Uma coisa ou é ou não é, digam o que disserem filosofos abstrusos, Quando era pequeno, preocupava-me particularmente saber se Deus podia fazer uma subida que não fosse ao mesmo tempo uma descida. Os meus conhecimentos filosoficos eram, naturalmente, ainda mais reduzidos do que hoje, mas já então o bom senso — de que o filosofo disse com amavel optimismo que era a coisa que no mundo havia mais bem repartida — me ensinava que não. Ora, o que Deus não pode, não o pode tambem o sr. Antonio Sergio, e nem a justa admiração que merecem as suas fortes qualidades de escritor, nem o respeito que se deve á memoria dos mortos, exigem que se negue aos vivos a verdade a que eles teem direito.

Luís Vieira de Campos.

A “ REVISTA PORTUGUESA ”
aumentará, muito brevemente,
o seu numero de paginas, sem
que o seu actual preço de venda
sofra qualquer alteração.

A “ REVISTA PORTUGUESA ”
criará; então, as seguintes sec-
ções novas: Revista Financeira,
Revista Parlamentar, Revista
Colonial, Revista Juridica.

A “ REVISTA PORTUGUESA ”
acompanhará tambem, com o
maior interesse, o movimento
artistico e literario de Espanha,
Italia, França e Alemanha.

A “ REVISTA PORTUGUESA ”
retribuirá, desta forma muito
simples, o favor e o carinho
com que tem sido recebida no
meio intelectual português.